

## Crise no agronegócio

# Impacto nas cadeias

COM A crise global instalada no quarto trimestre de 2008, o agronegócio brasileiro vive em 2009 uma conjuntura bem diferente daquela registrada nos últimos períodos.

A crise econômica mundial deve atingir com intensidades diferentes as várias cadeias produtivas do agronegócio, principal responsável pelo desempenho positivo da balança comercial e um dos esteios do PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro, pela combinação perversa de cinco fatores:

- Escassez e o alto custo do crédito;
- Queda de preços dos produtos no mercado externo;
- Medidas protecionistas, com aumento de tarifas, mudanças das cotas e elevação de subsídios;
- Redução da demanda dos países compradores, como Rússia e Índia;
- Estiagem na Região Sul.

Desde a criação do Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), em 1995, o governo federal tem liberado recursos a taxas de juros subsidiadas para os agricultores com menor escala de produção. Apesar dos obstáculos enfrentados na renegociação de dívidas para a tomada de novos recursos, esse segmento aparentemente foi menos afetado pela escassez de crédito provocada pela crise global.

Em contraposição, as cadeias produtivas maiores, ligadas a alimentos, fibras e energia voltadas às exportações, desenvolveram mecanismos de financiamento da produção predominantemente de maior escala e perfil empresarial. Tendo como garantia a produção prevista, corporações nas áreas de insumos agropecuários, agroindústrias de alimentos e

empresas de *trading* passaram a fornecer um terço dos recursos para o custeio dos agricultores, por meio de:

- CPR (Cédula do Produtor Rural);
- Troca de insumos por produtos agrícolas;
- Contratos de venda antecipada;
- Antecipações de contratos de câmbio para exportações.

Diante do alto risco das operações rurais e da baixa difusão do seguro rural, os agentes financeiros ficaram mais resistentes e seletivos em suas liberações de crédito. Para os agricultores que utilizam esses instrumentos de crédito, o impacto foi sensível já em 2008, com redução na oferta de recursos.

Neste ano, com a escassez de crédito das

empresas de insumos, agroindústria e *tradings*, em decorrência da crise global, para as cadeias produtivas do agronegócio com participação relevante no mercado internacional, são aguardados cortes na produção.

O fato da taxa de câmbio ter encontrado aparentemente novo patamar, em torno de R\$ 2,30 por dólar, poderá contribuir para a competitividade das exportações gerais e oferecer ganhos de renda aos exportadores, inclusive os agricultores. O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central iniciou um movimento de redução na taxa básica de juros, tendo em vista a necessidade de minimizar a redução no ritmo de crescimento da economia. A depender da magnitude da redução a ser operada durante o ano, o acesso dos agricultores ao crédito por meio de recursos livres dos bancos poderá ser facilitado.

O maior desafio das cadeias produtivas para superar a crise será montar estratégias de sinergia entre seus elos, os fornecedores de insumos e máquinas, produtores, as indústrias e os distribuidores. Todos devem trabalhar de mãos dadas, junto como o governo, para a obtenção da melhor gestão e do maior alinhamento possível. ■

## Usinas e frigoríficos

Assim, a partir do agravamento da crise mundial, quatro usinas de açúcar e álcool e seis frigoríficos se tornaram insolventes e pediram recuperação judicial. Empresas bem estruturadas assistiram a suas vendas desabarem e o crédito para capital de giro desaparecer. Apesar de o governo ter liberado R\$ 99,8 bilhões do compulsório bancário, esse recurso chega a custo muito elevado, e a conta-gotas, para poucos.

No segmento sucroalcooleiro, o governo anunciou a liberação de R\$2,5 bilhões, para financiar a estocagem de 5 bilhões de litros de etanol na safra 2009/10. Os recursos são do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), e estarão disponíveis a partir de maio, início da safra 2009/10. Para a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), a medida é positiva e vem em momento oportuno. O receio é de que haja atraso no cronograma de liberação. Em outras safras, o governo liberou linhas de financiamento de estoques de álcool, mas não houve êxito, pois muitas usinas tinham restrições de crédito no Banco do Brasil, que foi o único autorizado a operar o crédito.

Na cadeia da pecuária, segundo a Associação Brasileira da Indústria Exportadora de Carne (Abiec), os frigoríficos precisam de R\$ 1,6 bilhões para garantir capital de giro adequado e manutenção dos financiamentos para exportação. As unidades exportadoras são muito mais caras e obrigadas a manter laboratórios, controle de qualidade etc. Sem medidas de apoio, o preço da arroba de boi perde sustentação no mercado.

O maior problema, além da disponibilidade de recursos, é a crise de confiança. Os bancos não estão dispostos a emprestar.